

O JOGO DO (DES)PRAZER: UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO DE CONQUISTA E CONFLITO PARA MULHERES

Rita de Cássia Chagas Carvalho¹
Maria de Lourdes Soares Ornellas²
(Orientadora do Trabalho)

RESUMO

O presente trabalho advém dos estudos para construção da pesquisa doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDuc) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) nomeada “O QUE QUER UMA MULHER? CONSTITUIÇÃO DE PESQUISADORA EM TEMPOS E ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS – NOTAS PSICANALÍTICAS.”, e que tem como objeto a mulher pesquisadora subjetivada na universidade. Mulheres que têm muito a dizer sobre seu saber/fazer! Inseridas na complexa trama que é a educação brasileira, mulheres pesquisadoras, sujeitos de sua ação pedagógica, são desafiadas cotidianamente a refletirem sobre o seu *savoir-faire*. O estudo proposto, que se gesta nesse cenário, busca responder à pergunta: Que posição a mulher ocupa historicamente no contexto da universidade? A pesquisa foi realizada a partir dos pressupostos da dimensão qualitativa, pesquisa bibliográfica e entrevistas semi estruturadas. Aqui visamos contextualizar, em suma, o tema mulher na sua historicidade e sua inclusão no processo de formação profissional. Ancorado principalmente na base teórica de Freud (2003), Lacan (2005), Beauvoir (2015), Bourdieu (2001), Ornellas (2017, 2019), Perrot (2017) e Kristeva (1987), os estudos apontam para a urgência de um entendimento mais profundo das realidades que permeiam a vida acadêmica feminina, da relevância de discursões sobre a mulher subjetivada na universidade, visto que, os resultados indicam que as representações de desejo da mulher, frequentemente reforçam estereótipos de gênero e influenciam de alguma maneira na autoimagem das mulheres e em suas interações sociais. A pesquisa contribuiu para o campo da educação e psicanálise e propõe um diálogo necessário sobre imagem e desejo, fundamentais na formação das identidades. Mesmo que ainda haja uma história de luta que não findou, os resultados deixam evidente que um número considerável de mulheres investe na sua formação acadêmica e desenvolvem funções tanto na docência, como na gestão de instituições de ensino municipais, estaduais e federais.

Palavras-chave: Mulher, Universidade, Educação, Psicanálise.

INTRODUÇÃO

Este artigo nasce dos estudos em desenvolvimento no doutorado em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB), mas não se confunde com a pesquisa doutoral em si. Trata-se de um recorte reflexivo que busca problematizar como a universidade se constitui como espaço de conquista e conflito para mulheres, à luz de referenciais que articulam educação, história e psicanálise.

¹ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia; Mestra em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA-UNEB, Doutoranda em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC – Universidade do Estado da Bahia - UNEB, pesquisadora e Psicanalista. ritaccarvalho13@gmail.com;

² Doutora em Psicologia da Educação. Pós Doutora em Psicanálise e Educação. Profa Titular da Universidade do Estado da Bahia – Uneb/PPGEduC. Escritora, pesquisadora e Psicanalista Clínica. ornellas@terra.com.br.

A universidade constitui-se como um espaço paradoxal para as mulheres: lugar de conquista e emancipação, mas também de conflito e exclusão. Ao mesmo tempo em que possibilita acesso ao saber e ao reconhecimento social, ela ainda reproduz marcas históricas de desigualdade. Como lembra Perrot (1989, p. 9-18), “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”. Essa formulação evidencia que a presença feminina no espaço acadêmico não se deu de maneira natural ou pacífica, mas como resultado de lutas e enfrentamentos constantes, que buscam romper silêncios e reinscrever as mulheres na história do conhecimento.

Durante séculos, a universidade foi reservada aos homens, enquanto às mulheres era atribuído o papel de cuidadoras do lar. Beauvoir (2016, p. 9) evidencia essa construção histórica ao afirmar: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” Com isso, denuncia a condição feminina como efeito de práticas sociais e culturais que, por muito tempo, interditaram o acesso ao conhecimento.

Ao ingressar no espaço acadêmico, a mulher se depara com as marcas persistentes de exclusões históricas. Bourdieu (2012, p. 5) observa: “[...] na dominação masculina [...] o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas[...]”. Nesse sentido, a universidade torna-se um campo em que a conquista do saber é atravessada por práticas de deslegitimação que colocam em jogo prazer e desprazer.

Assim, objetivamos, de forma geral, refletir sobre a universidade como espaço atravessado por ambivalências, em que o prazer do acesso ao conhecimento e da produção intelectual convive com o desprazer das exclusões e silenciamentos que marcam a experiência feminina. No cerne desta reflexão, colocamos a seguinte questão: Que posição a mulher ocupa historicamente no contexto da universidade?

Ao reunir aportes da história, da psicanálise e da educação, buscamos problematizar as condições simbólicas e materiais que estruturam a presença das mulheres no espaço acadêmico, evidenciando que sua inserção não é natural ou neutra, mas resultado de enfrentamentos constantes. Dessa maneira, este artigo pretende lançar luz sobre o jogo de forças que constitui a universidade como território de conquistas e conflitos para mulheres, sem a pretensão de esgotar o tema, mas abrindo caminhos para novas leituras e debates.

Metodologicamente, realizamos um estudo de caráter teórico-bibliográfico, fundamentado em autores como Freud (2003), Lacan (2005), Beauvoir (2015), Bourdieu (2001), Perrot (2017), Kristeva (1987) e Ornellas (2017; 2019). A investigação articula esse referencial à análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres em contexto universitário, permitindo captar tanto o dito quanto os silêncios e hesitações presentes em seus

relatos. Inspirada na psicanálise e em abordagens da educação, essa articulação possibilitou confrontar categorias analíticas com narrativas de experiência, revelando como a universidade se constitui simultaneamente como espaço de conquista e de conflito para mulheres.

Os resultados deste estudo mostram que a universidade se apresenta às mulheres como espaço ambivalente: lugar de prazer, na medida em que possibilita acesso ao conhecimento, visibilidade e reconhecimento, mas também de desprazer, quando se evidenciam práticas de exclusão, silenciamentos e deslegitimações. Esse jogo entre conquista e conflito revela que a presença feminina no espaço acadêmico continua sendo atravessada por tensões históricas e simbólicas, que exigem reflexão crítica e resistência.

METODOLOGIA

O estudo tem caráter qualitativo, por privilegiar a compreensão dos sentidos atribuídos às experiências, e não sua quantificação. Como lembra Minayo (2010, p. 21),

A rigor qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto: o aspecto qualitativo. Isso implica considerar sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das Ciências Sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação.

Esse caminho metodológico se mostra adequado para pensar a universidade como espaço de conquista e conflito para mulheres, pois permite captar contradições, ambiguidades e marcas subjetivas presentes em suas trajetórias.

Trata-se de uma investigação teórico-bibliográfica, que articula contribuições da história, da psicanálise e da educação, mobilizando autores como Freud (2003), Lacan (2005), Beauvoir (2015), Bourdieu (2001), Perrot (2017), Kristeva (1987) e Ornellas (2017; 2019). Essa base teórica foi complementada com entrevistas semiestruturadas realizadas com mulheres em contexto universitário, cuja escuta permitiu acessar tanto o discurso manifesto quanto os silêncios, hesitações e deslocamentos.

A análise do material empírico foi orientada pela escuta psicanalítica, privilegiando a singularidade e a dimensão inconsciente do discurso. Freud (2012), ao introduzir a técnica da associação livre, recomenda que o sujeito comunique, sem crítica nem seleção, tudo o que lhe ocorra, evidenciando que o não dito e o aparentemente irrelevante podem revelar formações inconscientes. Nessa mesma direção, Lacan (2005, p. 135) afirma: “o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem”, situando a interpretação como escuta do significante que atravessa a fala.

Essa articulação metodológica, entre referencial teórico e narrativas de experiência, permitiu problematizar as condições de possibilidade da presença feminina no espaço acadêmico, evidenciando a universidade como lugar em que prazer e desprazer se entrelaçam no movimento de legitimação e exclusão.

REFERENCIAL TEÓRICO

A reflexão sobre a universidade como espaço de conquista e conflito para mulheres exige um referencial que articule psicanálise, história, filosofia feminista e sociologia. Freud (2003), ao tratar da sexualidade infantil, afirma que a vida sexual dos seres humanos não começa apenas com a puberdade, mas se inicia logo após o nascimento, com manifestações de impulsos parciais, o que revela que a constituição subjetiva se dá desde cedo, marcada por deslocamentos e interditos. Mais adiante, acrescenta que a inveja do pênis desempenha um papel decisivo na formação do caráter feminino, pois leva a menina a abandonar a mãe como objeto amoroso e a voltar-se para o pai” (FREUD, 2003), mostrando que a posição da mulher já é atravessada por construções inconscientes de desejo e diferença.

Lacan retoma essa perspectiva e situa o inconsciente na ordem da linguagem, declara: “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem.” (LACAN, 2005, p. 139), sublinhando que o sujeito só pode se constituir a partir do significante. Em seu Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (2005, p. 69), Lacan postula sua controversa frase: “A mulher não existe”. Tal formulação questiona qualquer essencialismo e permite compreender a pluralidade de formas como as mulheres se inscrevem na universidade, em contextos singulares, mas sempre atravessados por discursos sociais.

No campo da filosofia feminista, Simone de Beauvoir (2015) aponta que a opressão feminina não se apoia apenas em fatores materiais, mas também em construções simbólicas que limitam o vir-a-ser da mulher. A autora observa: observa: “O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial” (Beauvoir 2015, v. 2, p. 23). Essa formulação mostra que a condição feminina é marcada por uma tensão estrutural entre desejo de autonomia e imposições sociais que a relegam a uma posição de alteridade.

Bourdieu (2001) também destaca que a dominação masculina se perpetua porque é naturalizada, sendo vivida como evidente e até legítima pelos próprios dominados. Como escreve o autor: “[...] cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais” (Bourdieu,

2001, p. 51). Essa formulação evidencia que o poder masculino opera de modo implícito e incorporado, o que ajuda a compreender como a universidade ainda reproduz práticas de exclusão sem que necessariamente sejam percebidas como violência explícita.

A história reforça esse percurso de invisibilidade. Perrot (2017), observa que a trajetória das mulheres foi construída em meio a silenciamentos e esquecimentos, o que as relegou por séculos às margens da narrativa histórica. Em *Minha história das mulheres*, a autora afirma: “[...] em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo” (PERROT, 2017, p. 17). Essa formulação evidencia que o silêncio imposto às mulheres não foi acidental, mas estruturante, e ajuda a compreender como, também na universidade, sua participação esteve por muito tempo oculta ou desvalorizada.

Na perspectiva da linguagem e do corpo, Kristeva (1987, p. 2, tradução nossa) analisa o discurso amoroso como experiência de alteridade, afirmando: “Com efeito, no transporte amoroso, perdem-se os limites das próprias identidades, ao mesmo tempo em que se apaga a precisão da referência e do sentido do discurso amoroso.” Essa formulação permite compreender a inscrição feminina na universidade como um deslocamento que desestabiliza identidades fixas e interroga as formas instituídas de produção do saber.

A psicanálise em diálogo com a educação, evidencia a importância de considerar a subjetividade como dimensão constitutiva dos processos formativos. Em sua obra *Psicanálise e Educação: o que falta em um está no outro?*, Ornellas nos questiona: “[...] Será que a Psicanálise tem algo a dizer em relação à instituição escolar?” (Ornellas, 2019, p. 25), provocação que se articula à crítica à visão estereotipada da psicanálise como prática restrita ao consultório. Ao propor a expansão dos horizontes da Psicanálise, Ornellas (2019) ressalta a pertinência da sua aproximação com campos diversos, entre eles a educação, como forma de enfrentar os desafios contemporâneos. Nesse sentido, a psicanálise pode oferecer contribuições para a compreensão da subjetividade e das emoções que permeiam o processo de produção do conhecimento, bem como para desvelar as relações de poder que atravessam o espaço acadêmico. Assim, a universidade aparece não apenas como lugar de produção de saber, mas também como território de construção de identidades, de resistência a preconceitos e de promoção do pensamento crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas permitiu identificar emergências discursivas que revelam como a universidade é vivida pelas mulheres em uma oscilação constante entre prazer e desprazer. Esses movimentos foram organizados em três categorias analíticas: alegria e tensão no acesso ao saber; silenciamento e deslegitimação simbólica; resistência e reinvenção de identidades acadêmicas, conforme sistematizado no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Categorias analíticas das emergências discursivas

Categoria Analítica	Produções de sentido nas entrevistas	Referência Teórica
Alegria e tensão no acesso ao saber	O ingresso na universidade é vivido como conquista e prazer, mas acompanhado da tensão de sentir-se em constante prova de competência.	“No homem encarna-se a seus olhos o Outro, como este para o homem se encarna nela; mas esse Outro apresenta-se a ele como o essencial e ela se apreende perante ele como o inessencial.” (BEAUVOIR, 2016, p. 17).
Silenciamento e deslegitimação simbólica	Relatos de exclusão sutil, desconsideração de falas ou questionamentos à legitimidade das contribuições femininas.	“Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas.” (PERROT, 2017, p. 17). “[...] a cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais.” (BOURDIEU, 2012, p. 51).
Resistência e reinvenção de identidades acadêmicas	Participação em redes de apoio, reafirmação de autoria, práticas pedagógicas críticas e novas formas de posicionar-se na universidade.	A situação feminina somente se estabelece quando o desejo de pênis se substitui pelo desejo do filho. (FREUD, 2003) “Se a Psicanálise pode contribuir, de alguma forma, com o campo da Educação, terá de apontar para a necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar [...]” (ORNELLAS, 2019, p. 39).

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa (2025).

Conforme apresentado no Quadro 1, a primeira categoria, **alegria e tensão no acesso ao saber**, mostra que o ingresso na universidade que o ingresso na universidade foi marcado pelo prazer da conquista, da visibilidade e da possibilidade de produzir conhecimento. Contudo, esse prazer convive com a tensão de sentir-se em constante prova de competência. Esse movimento ressoa com a formulação de Beauvoir (2016, p. 67): “No homem encarna-se a seus olhos o Outro, como este para o homem se encarna nela; mas esse Outro apresenta-se a êle como o essencial e ela se apreende perante êle como o inessencial.”

A segunda categoria, **silenciamento e deslegitimação simbólica**, evidencia situações de exclusão sutil, como comentários que questionavam a legitimidade de sua fala ou a desconsideração de suas contribuições em grupos de pesquisa. Esse silenciamento cotidiano corresponde ao que Perrot (2007, p.17) descreve ao afirmar que “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas.” De modo semelhante, Bourdieu (2012, p.51), observa que “[...]a cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais”. Essa formulação mostra como a dominação opera de forma invisível, perpetuando desigualdades no espaço acadêmico.

A terceira categoria, **resistência e reinvenção de identidades acadêmicas**, revela que apesar desses atravessamentos, muitas mulheres relataram formas de resistência: participação em redes de apoio, reafirmação de autoria e engajamento em práticas pedagógicas críticas. Esse movimento encontra ressonância na questão freudiana sobre os deslocamentos do desejo, quando afirma que a situação feminina somente se estabelece quando o desejo de pênis se substitui pelo desejo do filho (FREUD, 2003). Tal formulação permite compreender que a posição feminina é marcada por substituições e deslocamentos, não por uma essência fixa. Do mesmo modo, no espaço acadêmico, a resistência das mulheres não se dá de forma linear, mas por meio de reinvenções simbólicas que lhes permitem afirmar-se em contextos historicamente regulados por interditos e exclusões.

Os relatos analisados também revelam que a resistência feminina na universidade se sustenta pela abertura de novos modos de ensinar, pesquisar e se posicionar. Essa dimensão ecoa o pensamento de Ornellas (2019, p. 39), que observa: “Se a Psicanálise pode contribuir, de alguma forma, com o campo da Educação, terá de apontar para a necessidade de uma postura reflexiva sobre a tarefa de escutar [...]”. Tal formulação reforça que a universidade não é apenas lugar de transmissão de conhecimento, mas também espaço de escuta e de elaboração subjetiva, onde os silêncios e resistências das mulheres podem se transformar em potência crítica e criação de novos sentidos.

Assim, as narrativas das mulheres entrevistadas evidenciam que a universidade é, ao mesmo tempo, lugar de emancipação e de exclusão. O prazer da conquista se entrelaça ao desprazer dos silenciamentos, e a resistência aparece como condição de permanência. Nesse jogo, a mulher se constitui como sujeito de saber em meio a tensões históricas, sociais e inconscientes que marcam sua inscrição no espaço acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a universidade, embora se apresente como espaço de conquistas, emancipação e produção de conhecimento, também se configura como lugar de tensões, silenciamentos e deslegitimações. As emergências discursivas analisadas mostraram que a presença feminina no espaço acadêmico é atravessada por um constante jogo entre prazer e desprazer: de um lado, a conquista simbólica do saber e da visibilidade; de outro, a persistência de práticas de exclusão e violência simbólica que colocam em questão sua legitimidade.

As narrativas também revelaram que a resistência é um traço fundamental da experiência das mulheres na universidade. Essa resistência não se dá de forma linear, mas por meio de reinvenções simbólicas e de estratégias coletivas que permitem às mulheres inscrever-se e permanecer em contextos marcados por desigualdades históricas. Tal movimento confirma que a subjetividade, atravessada por interditos e deslocamentos, constitui-se como elemento central para compreender a inserção feminina no campo acadêmico.

No plano científico, a pesquisa contribui para ampliar o debate sobre as relações entre gênero, psicanálise e educação, evidenciando que a análise da presença feminina na universidade não pode ser reduzida a dados quantitativos, mas deve ser escutada em sua dimensão discursiva e subjetiva. Os resultados apontam para a necessidade de investigações futuras que explorem outras experiências de mulheres em diferentes áreas do conhecimento, bem como estudos comparativos que considerem as especificidades de contextos regionais, culturais e institucionais.

Assim, esperamos que este trabalho incentive novos diálogos na comunidade científica e contribua para a construção de práticas acadêmicas mais inclusivas, críticas e comprometidas com a escuta da diferença. A universidade, compreendida como espaço de atravessamentos, pode transformar-se também em território de invenção, onde os silêncios se convertem em discurso e as resistências em potência criadora.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida, vol. 2 (1949), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, Pierre . **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

KRISTEVA, Julia. **Historias de amor**. México: Siglo XXI, 1987. (Tradução nossa).

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. **Psicanálise e Educação**: o que falta em um está no outro?. Salvador: EDUFBA, 2019.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina** In: Revista Brasileira de História, V. 9, no 18, p. 9-18. São Paulo, Ago-Set 1989.

PERROT, Michelle . **Minha história das mulheres**, São Paulo: Contexto, 2007